



Agricultura urbana – um olhar sobre a “representação do espaço” e o “espaço de representação”

Urban agriculture - the “representations of space” and the “spaces of representation”

Agricultura urbana – la “representación del espacio” y los “espacios de representación”

Claudia Souza de Mello

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU UFF

Eloisa Carvalho de Araujo

Doutora em Urbanismo - Professor PPGAU/EAU/UFF



Resumo: A agricultura urbana como prática social de apropriação do espaço urbano é um fenômeno global e relativamente recente na paisagem da cidade contemporânea. Grande parte das pesquisas sobre o assunto enfatiza tópicos relacionados à sustentabilidade, à segurança alimentar e à geração de renda, entre outros. O artigo objetiva refletir acerca dos espaços da agricultura urbana, não só físicos e materiais, mas também simbólicos, políticos e culturais. Tais experiências possuem uma dimensão política? A prática da agricultura urbana pode auxiliar no resgate da função social do espaço público? Seriam tais espaços “inventados” para abrigar as aspirações e necessidades de nossa vida urbana? Desenvolvemos, assim, uma análise do “espaço de representação” e da “representação do espaço”, conceitos da teoria da produção do espaço de Lefebvre. As práticas de agricultura urbana exploradas no artigo foram coletadas através da mídia digital, de entrevistas do filme “Apart Horta” (Direção: Cecilia Engels, Brasil, 2015) e de trabalhos apresentados no Seminário Internacional de Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão (UFRJ, PROURB, Rio de Janeiro, out/2017). Considerando a importância de se investigar novas paisagens culturais presentes nos cotidianos urbanos, o trabalho pretende contribuir destacando a função transformadora da prática da agricultura urbana.

Palavras chave: agricultura urbana, espaço público, prática social, apropriação do espaço urbano.

Abstract: *Urban agriculture as a social practice of appropriation of urban space is a relatively recent global phenomenon in the contemporary city landscape. Much of the literature on urban agriculture comes from studies of sustainability, food security and job creation, among others. This paper aims to reflect on the spaces of urban agriculture, not just the physical and material ones, but also the symbolic, political, and cultural spaces. Do the experiences of urban agriculture have a political dimension? Could the practice of urban agriculture help to reestablish the social function of public space? Would the urban agriculture space be “invented” to accommodate our urban life aspirations and needs? Thus, we provide an analysis adopting Lefebvre’s theory of the production of space, using the concepts of “representations of space” and the “spaces of representation”. The practices of urban agriculture explored in the article were collected from digital media, interviews from the film “Apart Horta” (Direction: Cecilia Engel, Brazil, 2015) and practices presented at the International Seminar - Urban Agriculture: Inclusion Landscapes (UFRJ, PROURB, Rio de Janeiro, oct /2017). Considering the importance of investigating new cultural landscapes present in urban daily life, the paper intends to contribute in the discussion, highlighting the transforming function of the practice of urban agricultur.*

Keywords: *Urban agriculture, public space, social practice, appropriation of urban space.*

Resumen: *La agricultura urbana como práctica social de apropiación del espacio urbano es un fenómeno global e relativamente reciente en el paisaje urbano contemporáneo. Gran parte de la literatura sobre agricultura urbana proviene de estudios de sostenibilidad, seguridad alimentaria y creación de empleo. Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre los espacios de la agricultura urbana, no solo los materiales, sino también los espacios simbólicos, políticos y culturales. ¿Las experiencias de la agricultura urbana tienen una dimensión política? ¿Podría la práctica de la agricultura urbana ayudar a restablecer la función social del espacio público? ¿Se “inventaría” el espacio de la agricultura urbana para acomodar nuestras aspiraciones y necesidades de vida urbana? Por lo tanto, proporcionamos un análisis adoptando la teoría de la producción del espacio de Lefebvre, utilizando los conceptos de “representación del espacio” y los “espacios de representación”. Las prácticas de agricultura urbana exploradas fueron recogidas de medios digitales, entrevistas de la película “Apart Horta” (Direção: Engels, C. Brasil, 2015) y prácticas presentadas en el Seminario Internacional de Agricultura Urbana (UFRJ, RJ, 2017). Considerando la importancia de investigar nuevos paisajes culturales presentes en la vida cotidiana urbana, el artículo pretende contribuir en la discusión, destacando la función transformadora de la práctica de la agricultura urbana.*

Palabras clave: *agricultura urbana, espacio público, práctica social, apropiación del espacio urbano.*



1. Introdução

A agricultura urbana como prática social de apropriação do espaço urbano (público) é um fenômeno global e relativamente recente na paisagem da cidade contemporânea. Grande parte das pesquisas sobre o assunto enfatiza tópicos relacionados à questão ambiental, à sustentabilidade, à segurança alimentar e à geração de renda, entre outros. O artigo objetiva olhar as práticas sociais de agricultura urbana e refletir acerca de seus espaços, não só físicos e geográficos, mas também simbólicos, políticos e culturais. As reflexões aqui apresentadas são motivadas por algumas questões como, por exemplo, se as práticas da agricultura urbana possuem uma dimensão política ou, ainda, se essas práticas podem auxiliar no resgate da função social dos espaços públicos. Ademais, questionamos se os espaços da agricultura urbana seriam “inventados”¹ para abrigar as aspirações e necessidades de nossa vida urbana.

O estudo, inicialmente, parte de uma revisão bibliográfica, privilegiando o diálogo entre autores que explicitam ou contextualizam o debate acerca da complexidade da vida urbana e do papel dos espaços públicos na contemporaneidade. Tais reflexões visam dar suporte à abordagem exploratória do estudo. A seguir investigamos experiências relacionadas à temática da agricultura urbana, relativizando o tema à luz das teorias de Lefebvre, pelo viés da “representação do espaço” ou, ainda, enquanto “espaço de representação”.

Lefebvre o compreende [o espaço] como um processo de produção que acontece em termos de três dimensões dialeticamente interconectadas. Ele define essas dimensões de duas maneiras: de um lado, ele utiliza os três conceitos “prática espacial”, “representação do espaço” e “espaços de representação”, que estão fundados em sua própria teoria da linguagem tridimensional. (SCHMID, 2012, 103)

As experiências de agricultura urbana abordadas no artigo foram divulgadas através da mídia digital, de entrevistas do filme “Apart Horta”² e de trabalhos/práticas apresentadas no Seminário Internacional de Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão.³ O artigo propõe-se a realizar leituras de práticas de agricultura urbana através da identificação dos agentes envolvidos, dos lugares (públicos ou privados), dos símbolos e das externalidades ou efeitos relacionados à atividade. Acreditamos que a prática da agricultura urbana é caracterizada por agenciamentos de apropriação do espaço urbano através de movimentos comunitários, criando novas paisagens culturais identitárias, simbólicas e que desafiam a dimensão política do (espaço) urbano e das cidades.

Inicialmente o trabalho parte de algumas premissas, primeiro, não se pode tratar da cidade ou da experiência urbana de forma unidimensional; a riqueza e a complexidade da vida urbana pressupõem múltiplas dimensões (HARVEY, 2015). Ademais, ao olhar as práticas sociais coletivas de apropriação do espaço público, estamos mirando à cidade, seus espaços, públicos e coletivos, muitas vezes coletivos, mas não públicos e vice-versa. Estamos também, e, especialmente, tratando das pessoas, das práticas sociais que se refletem nos espaços, de seus espaços de vida - não só físicos e geográficos, mas políticos, sociais, culturais e simbólicos - onde se configuram e se materializam nossas ações, desejos, necessidades e motivações. (COSGROVE, 2008; LEFEBVRE, 2001).

Sabemos que a cidade contemporânea está em constante transformação, ela é complexa, dinâmica, possui diversas possibilidades, não se revelando somente por uma face, mas por uma infinidade de formas, histórias e símbolos. Sabemos, ainda, que os espaços públicos são fundamentais na identidade das cidades e na formação do sujeito contemporâneo. Sennet (2006) reflete sobre as alterações dos valores culturais

¹ Entrevista com Henri Lefebvre em 1972. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4klH4Hz3yg>. Acesso em: 20 e fev./2018.

² Filme: “Apart Horta”. Direção: Cecília Engels. Produção: Plano Astral Filmes. Ficção e documentário. Brasil, 2015. O filme apresenta experiências reais de hortas urbanas por meio de mini documentários e aborda a possibilidade de transformação social através de tais experiências.

³Seminário Internacional - Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão, PROURB, MPAP, 17/10/2017.



urbanos no terceiro capitalismo, e aponta a flexibilidade e a indiferença como características emblemáticas nas relações sociais urbanas. O autor defende que os relacionamentos entre indivíduos são marcadas pelo curto prazo e pela superficialidade. Como reflexo dessa dinâmica, os espaços públicos significativos existentes, gradualmente, diminuem e tornam-se, cada vez mais, controlados e marcados por significados e valores privados.

Há uma extensa produção teórica que reflete sobre a apropriação dos espaços públicos pelos mecanismos articulados em torno do consumismo urbano e sobre a mercantilização das cidades, da arquitetura, da cultura e da arte. A função social dos espaços públicos, como espaços de encontro e cidadania, dissolve-se a uma dimensão privada do consumo, não mais abrangente a todos, mas específico a alguns. Segundo Acselrad (2013, p.237), “[...] a cidade é o lugar preferencial da realização do consumismo de bens”. Configura-se, assim, que as relações de produção se refletem nos espaços urbanos e que o capitalismo tardio transforma, não só, os espaços públicos, em mercadorias, como também as cidades e a cultura, para citar alguns.

Destaca-se que os espaços do consumo não fomentam interação, diversidade ou pluralidade de funções, pessoas e atividades, mas segregam e dividem. De acordo com Bauman (2007, p. 97), “De um lugar relativamente seguro [...] a cidade passou a ser relacionada, principalmente nos últimos cem anos, mais ou menos, mais ao perigo do que à segurança”. Ainda, segundo Fabiano Junior (2007, p.13), “[...] o espaço aberto, apto para tal função [pública], margeia-se e incorpora somente características de circulação de pessoas e de mercadorias, perdendo, inclusive, seu papel de troca e circulação de informações.” Os espaços livres públicos são criadores de identidade, demarcadores de formas - lugares históricos, em oposição aos “não-lugares”, que se definem como não identitários, não relacionais, espaços de ninguém, não geradores de ação e permeados de pessoas em trânsito (AUGÉ, 1994). Através dos “não-lugares” se descortina um mundo provisório e efêmero - comprometido com o transitório.

Diante desse cenário de emergência de uma nova relação identitária entre os sujeitos e os conjuntos espaciais que lhe dão ancoragem (ABREU, 1998), o estudo pretende lançar um olhar sobre os novos lugares onde se produzam intercâmbios, novos saberes e estares, visando contribuir para o resgate da condição pública dos espaços. As reflexões do artigo estariam inseridas na ideia de valorização do ser humano e dos seus espaços. Cosgrove (2008) discorre sobre a importância das expressões do ambiente e das motivações humanas nos estudos das espacialidades das atividades humanas e defende que “[...] *the very goals we seek: the making of a better human world* [...]”⁴ (2008, p.178).

2. A agricultura urbana – “representação do espaço”

Os espaços da prática da agricultura urbana, como ambientes multifuncionais⁵, têm surgido em muitos países como ecossistemas agrícolas, proporcionando, além dos espaços verdes, os produtos alimentares. Cresce, no entanto, o número de pessoas que cultivam produtos orgânicos em hortas comunitárias, atraídos pela questão da alimentação saudável, do bem-estar e dos benefícios ao meio ambiente. A agricultura urbana também pode ser fonte de rendimentos. Em diversos países, inclusive no Brasil, há iniciativas de hortas urbanas criadas/organizadas pela população em áreas públicas e/ou privadas ou, ainda, fomentadas pelo poder público. Cresce, também, o número de pessoas que cultivam seus alimentos em casa ou apartamento e compartilham mudas, sementes e/ou a colheita.

Recentemente os Jardins de Alimentos da ONU (*UN Food Gardens*)⁶, em parceria com a ONU-Habitat, organizaram uma mostra/chamada de pequenas iniciativas de agricultura urbana nas Américas. Segundo as informações divulgadas, a ação visava à troca de experiências, o incentivo à ação política e a conscientização sobre a importância dos jardins alimentares comunitários. Ademais, afirmava a chamada,

⁴ “[...] os objetivos que almejamos: a criação de um mundo humano melhor [...]” – Tradução das autoras.

⁵ Possuem múltiplas funções, entre elas inclusão social, revitalização de áreas degradadas e produção de alimentos.

⁶ Mostra de pequenas iniciativas de agricultura urbana nas Américas realizada pelo *UN Food Gardens* em parceria com a ONU - Habitat. Disponível em: <http://www.unfoodgardens.org/alimente-sua-cidade/> - acesso em 24/06/2018.



que tais espaços possibilitam o envolvimento direto das pessoas com o processo de cultivo e consumo dos alimentos, promovem conexões entre pessoas e o planeta, asseguram produtos frescos e apresentam-se com forma de unir e capacitar comunidades. A organização apontava, ainda, o contexto social de desigualdade, pobreza, marginalização e falta de acesso a serviços básicos da população das Américas, onde mais de 80% vive em cidades.

Os critérios de avaliação utilizados foram sustentabilidade e inovação; engajamento da comunidade e capacitação; segurança alimentar; participação dos jovens e resiliência. Entre os selecionados encontram-se quatro experiências brasileiras: Horta das Corujas, São Paulo; Horta Comunitária de Calçada Cristo Rei, Curitiba; Plantando e Aprendendo - Casa do Bom Menino, Piracicaba, São Paulo; e, a Horta Comunitária Girassol, Brasília. Ademais, uma experiência na América Central: *Huerto Urbano La Arboleda*, São José, Costa Rica; e, cinco experiências nos EUA: *462 Halsey Community Farm*, Brooklyn, Nova Iorque; *Kelly Street Garden Bronx*, Nova Iorque; *Kingsbridge Heights Community Center*, The Bronx, Nova Iorque; *Urban Harvest STL*, St. Louis, Missouri; e, *Fleet Farming*, Orlando, Florida. Ainda, duas experiências no Canadá: *City Farmer's 'Demonstration Garden'*, Vancouver; e, *Food Garden and Outdoor Learning at UBC Botanical Garden*, Vancouver; e uma experiência no México: *Huerto Tlatelolco*, Mexico City. Algumas dessas experiências de agricultura urbana foram utilizadas na análise da “representação do espaço” (ver quadro 1).

Gostaríamos de apontar algumas questões ao abordar tal mostra sobre agricultura urbana e as iniciativas elencadas, primeiramente o aspecto global do fenômeno da agricultura urbana e, ainda, o caráter múltiplo e diverso do espaço das práticas da atividade. Nesse sentido, desenvolveremos uma breve análise da “representação do espaço” da agricultura urbana em relação a três fatores: a propriedade da terra, os atores envolvidos e demais atividades geradas pela atividade (ver quadro 1). Além dos exemplos acima referentes à mostra em questão, citaremos outras experiências divulgadas através da mídia digital. Vale destacar que o conceito de “representação do espaço” para Lefebvre refere-se ao espaço dominante em uma sociedade, representado por um sistema de signos verbais elaborados intelectualmente, tratando-se do espaço dos cientistas e urbanistas, para citar alguns (LEFEBVRE, 1991).

... representações do espaço dão uma imagem e desta forma também definem o espaço [...] emergem ao nível do discurso, da fala como tal e, conseqüentemente, encerram formas verbalizadas tais como: descrições, definições e especialmente teorias (científicas) do espaço. Ademais, Lefebvre considera mapas e plantas, informação em fotos e signos dentre as representações do espaço. As disciplinas especializadas envolvidas com a produção dessas representações são a arquitetura e o planejamento e também as ciências sociais (e aqui, a geografia é de especial importância). (SCHMID, 2012, 99)

Nos exemplos destacados, percebemos, sobre a questão da terra, que ora é pública, ora privada. Quando privada pode ter uso privado – acesso restrito aos usuários do espaço, ou uso coletivo, caracterizando-se, assim, como espaço público. Cita-se como exemplo (da primeira situação) a horta da Casa do Bom Menino, que acontece num espaço privado, de ensino - abrigo para crianças e adolescentes - cujos participantes são usuários do espaço. Já a *Halsey Community Farm*, também acontece em um terreno privado, porém tal espaço encontrava-se abandonado, sendo, assim, apropriado pela comunidade, que criou a horta e cuida do espaço, logo possui uso coletivo.

Ainda, referindo-se a jardins alimentares em terrenos privados, cita-se o próprio exemplo dos Jardins de Alimentos da ONU, administrado pelo Clube de Jardinagem (*UNSRC Gardening Club*)⁷, tratando-se de paisagismo comestível nas instalações da sede da ONU, mantido por um grupo de voluntários: funcionários e trabalhadores. Nesse caso, o terreno é privado e o acesso é restrito aos trabalhadores do local. Há, ademais, exemplos diferenciados referindo-se a terrenos privados, como é o caso de um bairro de

⁷ Clube de Jardinagem UNSRC - aberto a funcionários das Nações Unidas, delegações da ONU e organizações comunitárias da área da cidade de Nova York. Disponível em: <http://www.unfoodgardens.org/about-2/> - acesso em 24/06/2018.



Genebra, Suíça, Avenida Crozet,⁸ onde cada família planta determinados alimentos no jardim de sua casa e posteriormente, esses são trocados por outros plantados em jardins das casas vizinhas. Ademais, no Rio de Janeiro, citam-se exemplos de hortas em condomínios⁹ e dos espaços produtivos familiares, como é o caso dos quintais quilombais¹⁰, onde há trocas de alimentos, além das trocas sociais, interação e convívio entre vizinhos e moradores, sendo este um dos efeitos ou benefícios gerados pela atividade, ou seja, relações sociais e participação.

Quanto aos exemplos de agricultura urbana em espaços públicos, cita-se a Horta das Corujas, localizada em um parque público em São Paulo e a Horta Comunitária de Calçada Cristo Rei, que acontece em calçadas públicas em Curitiba. Esse último exemplo trata-se de uma iniciativa da população e que obteve, posteriormente, o apoio do poder público, inclusive com alteração na legislação. Em ambos os casos o espaço é mantido pela comunidade local. Cita-se, ainda, o exemplo do Parque e Instituto Sitiê- Vidigal¹¹, Rio de Janeiro, tratando-se de uma experiência de agricultura urbana em terreno público utilizado originalmente como depósito de lixo da comunidade do Vidigal. A partir de uma ação comunitária, e com apoio posterior de entidades como a Fundação Getulio Vargas e o Instituto Moreira Sales, o espaço que se encontrava degradado foi transformado em parque e jardim alimentar. Hoje, além de gerar renda e inclusão social, apresenta-se como área de lazer. Há, ademais, o exemplo do projeto MUDA¹², que surgiu a partir de iniciativas dos estudantes da UFRJ em ocupar uma área verde, aberta da universidade para o plantio e possibilitou a abertura de outras frentes como a aproximação com a comunidade do entorno.

⁸ Bairro de Genebra, Suíça, Avenida Crozet. Disponível em: <http://www.arquitetasustentavel.org/moradores-de-bairro-na-suica-plantam-seu-proprio-alimento-e-compartilham-com-os-vizinhos/> - acesso em 3/11/2017








⁹ Hortas comunitárias no condomínio Vivendas, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, Reportagem de 21/09/2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/hortas-comunitarias-entusiasmam-moradores-da-barra-20147628> - acesso em 24/06/2018.

¹⁰ Prática de agricultura urbana apresentada pela pesquisadora e professora Rita Montezuma (MPAP/ PROURB e PPSGEO-UFF): Quintais quilombais e soberania alimentar: espaços produtivos familiares no contexto da expansão urbana do Rio de Janeiro, no Seminário Internacional - Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão. PROURB, MPAP, 17/10/2017.

¹¹ Parque e Instituto Sitiê- Vidigal, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://aartesalva.com/portofolio/parque-instituto-sitie/> - acesso em 24/06/2018.

¹² Projeto MUDA – o grupo que desenvolve a Agroecologia e a Permacultura através de atividades de Extensão, Ensino e Pesquisa pela UFRJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/mudaufri/> - acesso em 24/06/2018. Projeto apresentado pela professora Heloisa Firmo (EP/UFRJ e PPGTDS) no Seminário Internacional - Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão. PROURB, MPAP, 17/10/2017.

Quadro 1: Algumas práticas de agricultura urbana selecionadas para a mostra da UN Food Gardens-ONU

| Horta | Propriedade do terreno | Agentes /participantes | Outras atividades/ benefícios | Imagem |
|---|--|---|--|---|
| Horta das Corujas, São Paulo/ SP | Público (Parque) | Comunidade local | Relações sociais; educação ambiental; segurança alimentar; lazer |  |
| Horta Comunitária de Calçada Cristo Rei, Curitiba/ PR | Público (Calçadas) | Comunidade local; organizações da sociedade civil; apoio do governo local | Relações sociais; educação ambiental; segurança alimentar; lazer |  |
| Plantando e Aprendendo - Casa do Bom Menino, Piracicaba/ SP | Privado (Abrigo de crianças e adolescentes) | Estudantes (crianças e adolescentes); e funcionários; Fundo Municipal dos direitos da criança e do adolescente. | Educação ambiental; segurança alimentar; geração de renda; lazer; relações sociais; |  |
| Huerto Urbano La Arboleda, São José, Costa Rica | Público (Parque de la Arboleda) | Comunidade local; Departamento de Gestão de Resíduos do Município de Montes de Oca (governo local) | Relações sociais; educação ambiental; Lazer e outros (como práticas de ioga e taichi) |  |
| 462 Halsey Community Farm, Brooklyn, Nova Iorque | Inicialmente privado – hoje espaço coletivo/ público | Comunidade local; organizações da sociedade civil; Brooklyn Botanic Garden | Educação ambiental; geração de renda; lazer; relações sociais; compostagem. |  |
| City Farmer's Demonstration Garden, Vancouver | Público – Jardim de Demonstração | Trabalhadores; voluntários/ comunidade; City Farmer Society; governo local; | Educação ambiental compostagem; Segurança alimentar. |  |
| Huerto Tlatelolco, Mexico City | Público – parque Tlatelolco | Comunidade local; Governo local; organizações da sociedade civil: empresas, escolas, universidades; Cultiva Ciudad. | Educação ambiental; Segurança alimentar; lazer; relações sociais; compostagem; cursos de culinária |  |

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras e imagens disponíveis em: <http://www.unfoodgardens.org/alimente-sua-cidade/> -



Ressaltamos a experiência do bairro Ecologia¹³ (300 residências), em Seropédica, Rio de Janeiro, onde a partir da mobilização de alguns moradores e funcionários UFRRJ e da EMBRAPA em ocupar uma área pública para o plantio de horta comunitária, suscitou como consequência, entre outras, a ocupação de outros vazios urbanos, o interesse em cuidar de vias, a criação de um grupo de paisagismo (do bairro) e o aumento da auto-estima das pessoas. Destaca-se, nesse exemplo, que os participantes são pessoas de todas as idades e classes sociais. Cita-se, ainda, a experiência de hortas suspensas, onde não há o vínculo com a terra, são práticas de agricultura urbana/de plantio em garrafas pet e/ou com designs mais elaborados como é o caso da experiência da Dinamarca.¹⁴

Quanto aos atores envolvidos, na maior parte dos exemplos elencados a comunidade é o principal agente envolvido na atividade. Mesmo nos casos de hortas em terrenos privados, como é o caso dos condomínios, das instituições de ensino, ou ainda dos quintais ou jardins das casas/residências, o cidadão, em geral representado por um coletivo, é o agente que inicia e mantém a prática. Constata-se, ainda, que, em algumas situações, a partir da ação inicial da comunidade surge o apoio, ora do governo local, (como é o caso Horta Comunitária de Calçada Cristo Rei, através da alteração da legislação); ora de instituições ou empresas vinculadas ao governo local, (como é o caso da Departamento de Gestão de Resíduos do Município que apoia a *Huerto Urbano La Arboleda*); ou, ainda, de escolas, universidades, empresas, associações e organizações da sociedade civil, (como é o caso da organização *Cultiva Cidade* que apoia a *Huerto Tlatelolco*), entre outros. Percebe-se, ademais, que quando o apoio do governo local é mais significativo, inclusive transformando-se em política pública, as práticas coletivas de agricultura urbana se multiplicam e podem gerar, além da segurança alimentar, benefícios econômicos e capacitação para o plantio. Tem-se o exemplo do *City Farmer's Demonstration Garden* que ensina há 40 anos os cidadãos a cultivarem alimentos, realizarem compostagem e cuidarem de sua paisagem doméstica.

Os exemplos são infinitos, pois as experiências de agricultura urbana têm se multiplicado rapidamente por todo planeta. Contudo, com esses exemplos e análises queremos evidenciar o caráter plural, aberto, dos espaços da agricultura urbana, que possibilita múltiplas combinações e possibilidades, não só em relação ao espaço físico e ao agenciamento entre atores, mas também em relação às formas de cultivar e compartilhar o plantio. São estruturas dinâmicas, moldáveis, adaptáveis, flexíveis que se adéquam a situações diversas e diferenciadas. E, ao mesmo tempo, são espaços físicos concretos e materializados. Massey (2008) apresenta o espaço como produto de inter-relações, gerando uma esfera de possibilidades, diferenças e heterogeneidades. A geógrafa defende que “Conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado e sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política.” (p.95)

Na visão de Arendt (2007), a pluralidade é condição da ação humana (pelo fato de sermos todos humanos, porém diferentes uns dos outros). E a política é ação em conjunto, em comum acordo e reflexo da condição plural do homem. Ação é atividade que se exerce entre os homens sem a mediação das coisas e ação política é sinônimo de liberdade. Poderíamos supor que os espaços coletivos da prática da agricultura urbana seriam “espaços de liberdade”¹⁵ – lugares/ espaços na cidade (re) apropriados através de experiências coletivas criativas, participativas e vivenciados nas suas múltiplas, diferenciadas, abertas e simultâneas formas?

Através dos exemplos relacionados no presente estudo, podemos perceber que a prática da agricultura urbana possibilita à troca, o convívio, a interação, a ação em conjunto, configurando-se, assim, como potencial espaço político e capaz de transformar nossa experiência urbana. Serpa (2017) compreende

¹³ Prática de agricultura urbana apresentada pelo professor Antonio Abbud (UFRRJ) no Seminário Internacional - Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão. PROURB, MPAP, 17/10/2017.

¹⁴ Hortas suspensas, Dinamarca. Disponível em: https://www.archdaily.com/879301/open-source-plan-for-a-modular-urban-gardening-structure-offers-a-flexible-design-for-locally-grown-food?utm_medium=email&utm_source=ArchDaily%20List - acesso em 24/06/2018.

¹⁵ A ideia de “espaços de liberdade” é empregada por Careri (2013). O autor aborda o Internacional Situacionista, movimento de cunho político e artístico ocorrido na década de 1960. Os situacionistas projetavam ações estéticas e revolucionárias para agirem contra o controle social, buscando no cotidiano os desejos latentes em substituição aos impostos. Um meio lúdico de reapropriação do território. Dessa forma, o uso do tempo e do espaço, construiria os “espaços de liberdade”.



espaço público como “espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade” (p.9). As atividades coletivas do plantio, cultivo e colheita geram (como externalidade) novas formas de inserção do cidadão na cidade, criando relações afetivas com os espaços públicos, trocas criativas, bem estar e pertencimento. De acordo com Aristóteles, o homem é um animal político por natureza. O desenvolvimento de suas virtudes e de seu potencial máximo é atingido quando ele convive em comunidade, na cidade – espaço da diversidade.

Groening (2004) entende a cultura de jardim e o desenvolvimento do espaço aberto como parte de uma abordagem para a democracia, ou seja, de uma sociedade democraticamente construída “[...] ‘próximo à natureza’ é uma categoria bastante imprópria se se quer situar a cultura de jardim e o espaço aberto dentro de uma estrutura de atividades sociais e políticas” (p.91). O autor defende a necessidade de uma prática social e da articulação de interesses dos diversos organismos políticos das comunidades para se planejar e desfrutar da cultura de jardim e para o desenvolvimento de espaço aberto. Exemplifica com “[...] o movimento Kleingarten na Alemanha [onde] há mais de cem anos, a jardinagem em associação é uma faceta política social poderosa da cultura urbana de jardins (GROENING, 2004, p.92). Cita, ainda, o exemplo dos EUA:

... nos EUA [...] há mais de duas décadas aqueles ativos em jardinagem comunitária relatam sucessos quase inacreditáveis em meio às cidades, na construção de um senso de comunidade urbana nas áreas que se acreditavam perdidas social e politicamente... (GROENING, 2004, p.92).

3. “Espaço de representação” – dimensão simbólica

Lefebvre (1999) nos leva a perceber que há motivações humanas criadoras expressas na necessidade dos símbolos, do imaginário, do desejo e que estas precisam ser investigadas em seus espaços de trocas, e, ainda, que o direito à cidade é uma necessidade urgente. Logo, o contato com a natureza, o desejo de uma alimentação saudável e a preocupação com o planeta seriam motivações humanas criadoras? As experiências coletivas de agricultura urbana seriam espaços de troca dessas motivações? O conceito de “espaços de representação” para Lefebvre está relacionado ao espaço dos que a imaginação tenta modificar e se apropriar, seria o espaço vivido através de imagens e símbolos (LEFEBVRE, 1991).

[...] Trata-se da dimensão simbólica do espaço. De acordo com isso, espaços de representação não se referem aos espaços propriamente, mas a algo mais: um poder divino, o logos, o Estado, o princípio masculino e feminino e outros. Esta dimensão da produção do espaço refere-se ao processo de significação que se conecta a um símbolo (material). Os símbolos do espaço poderiam ser tomados da natureza como as árvores ou formações topográficas proeminentes, ou eles poderiam ser artefatos, prédios e monumentos; eles poderiam também se desenvolver a partir da combinação de ambos, como, por exemplo, as “paisagens”. (SCHMID, 2012, p. 99)

Estamos tratando, assim, ao usar o conceito de “espaço de representação”, da dimensão simbólica do espaço e, sendo a paisagem um desses símbolos. Corrêa (1993) apresenta o espaço urbano como um conjunto de símbolos, pois é o lugar onde as pessoas vivem o cotidiano e onde as suas aspirações, necessidades e desejos são projetados no espaço. O espaço, portanto, representa não só as atividades que nele desenvolvemos, mas também carrega os significados durante nossa interação com ele. Nesse sentido, destaca-se a importância de estudar o espaço vivido como forma de compreender os valores, motivações e atitudes que as pessoas comuns elaboram a respeito do espaço e do ambiente em que vivem. Lefebvre (1999) aborda a vida cotidiana como palco da atividade criadora e defende que ao desvelar as virtudes do cotidiano reconquista-se o direito à apropriação – característica marcante da atividade criadora.

Um dos benefícios dos jardins alimentares comunitários urbanos apontado pelo cartaz da ONU trata-se do envolvimento direto das pessoas com o processo de cultivo dos alimentos, além da conexão das pessoas com o planeta e do senso de comunidade. Em outras palavras, a agricultura urbana pode possibilitar a ligação entre pessoas, das pessoas com a terra e com o ciclo dos da vida e, conseqüentemente, com o



universo. Essa leitura também é abordada pelo filme “Apart Horta”, principalmente, em uma das entrevistas da parte documental, que expõe a experiência de conectar-se com o todo através da relação com a terra e com o cultivo da semente: germinar, crescer, dar frutos, colher, morrer e renascer – o ciclo da vida. Assim, podemos relacionar essas conexões com a terra experienciadas pelos participantes da agricultura urbana com a dimensão poética do habitar? (HIDDEGARD in NORBERG-SCHULZ, 1988).

Schumacher (1973) e Norberg-Schulz (1988) falam da perda de identidade do homem moderno, que já não faz parte de um todo maior. O teórico e economista, Schumacher, critica a fragmentação do pensamento econômico contemporâneo; a obsessão por um crescimento sem progresso qualitativo; a desconsideração do mundo natural e da interdependência entre o meio ambiente e o homem. O autor critica as abstrações da lógica econômica que aborda tópicos como taxa de crescimento, renda nacional, acúmulo de capital e não tocam nas realidades concretas como a pobreza, a frustração, a alienação, o estresse, o crime, e a morte espiritual, entre outras. Schumacher (1973) questiona, então: “*Are there not indeed enough ‘signs of the times’ to indicate that a new start is needed?*”¹⁶ (SCHUMACHER, 1973, p.53)

Norberg-Schulz (1988) aborda essa mesma temática ao discorrer sobre uma crise ambiental. Frisa que tal crise não pode ser reduzida ao seu aspecto pragmático, mas que abrange uma perda de sentido e de compreensão do todo. Fala de uma sociedade especializada e de uma crise ainda não completamente absorvida, abarcando uma perda de esperança da sociedade, um pessimismo e uma ironia que substitui o entusiasmo. O arquiteto retrata um ser que vive em um mundo onde importa mais a quantidade, a medida e a classificação que a qualidade. Dentro dessa leitura, a vida é experienciada como sem sentido e o homem já não pertence a um todo com significados.

O autor fala, ainda, que estamos no mundo para cuidar de coisas concretas – casas, árvores, pessoas, animais - e não somente das quantidades abstratas. Fala de um homem que perde seus “lugares” e suas “coisas” – perde seu “mundo”, sua identidade e seu senso de comunidade e de participação. Aborda, ademais, a perda da dimensão poética do habitar (HIDDEGARD in Norberg-Schulz, 1988) e da compreensão do mundo através da imaginação. “*What we need [...] is a rediscovery of the world as a totality of interacting, concrete qualities. [...] to develop again the sense of respect and care [...] Without places, human life could not take place.*”¹⁷ (NORBERG-SCHULZ, 1988, p.16).

Lefebvre (1972)¹⁸ também fala da desaparecimento da percepção do habitar, da perda da ideia do espaço habitável, que é obra de atividades humanas como o riso, o amor, o jogo, o trabalho - o espaço vivido, animado. O filósofo defende que a ausência dessa percepção do habitar faz parte dos sintomas que paralisam o conhecimento e a imaginação. Argumenta que a desaparecimento dessa dimensão do habitar foi motivada pela especialização dos espaços, pois o funcionalismo constrói os espaços especializados, enquanto a vida é construída com a polifuncionalidade, com a espontaneidade. O autor defende que tais espaços especializados, fragmentados, isolados, estimulam segregações. Assim, o geógrafo e pensador defende que é preciso mudar a linguagem, pois a linguagem de um espaço apropriado (apropriação criativa, afetiva) não é a linguagem de um espaço comercializado.

Lefebvre (1972) acredita que a vida urbana deve ser inventada, e os espaços devem ser inventados, assim como a praça foi inventada no século XIII, seguindo as aspirações e necessidades da sociedade da época e a cidade grega inventou a ágora – espaço político; o templo – espaço religioso; e o estádio – espaço do corpo. Assim, nossa vida urbana deve inventar seus espaços. As apropriações dos espaços públicos ou coletivos pela agricultura urbana poderiam ser interpretadas como formas de habitar diversificadas¹⁹? Logo, seriam tais espaços “inventados” para abrigar as aspirações, necessidades de nossa vida urbana? Ressalta-se a

¹⁶ Não há “sinais dos tempos” suficientes para indicar que é necessário um novo começo? – Tradução das autoras.

¹⁷ “O que precisamos é [...] da redescoberta do mundo como uma totalidade/um todo de qualidades concretas e interativas/interrelacionadas [...] voltar a desenvolver um senso de respeito e cuidado [...] Sem os lugares, a vida humana não poderia acontecer.” – Tradução das autoras.

¹⁸ Entrevista com Henri Lefebvre em 1972.

¹⁹ Lefebvre defende como “... características elementares da vida urbana, constatadas pela ecologia mais sumária: a diversidade das maneiras de viver, dos tipos urbanos [...] modelos culturais e valores vinculados as modalidades ou modulações da vida cotidiana” (1999, 78 e 79).



função transformadora da prática da agricultura urbana, na medida em que transforma as pessoas e suas experiências urbanas²⁰.

Inicialmente, ao focar o fenômeno da agricultura urbana, levantamos o questionamento acerca das novas paisagens culturais presentes nos cotidianos urbanos. O campo da geografia cultural, hoje, investiga a dimensão cultural do espaço e engloba o estudo da paisagem, essa apreendida não apenas como forma material, mas como forma simbólica, impregnada de valores (COSGROVE, 2008) - paisagens como símbolos do espaço. Traça uma reflexão sobre o espaço dos homens, analisando experiências individuais e coletivas, memória, ambiente físico (no imaginário social) e visões de mundo, construindo identificações que são compartilhadas num território comum.

Para Cosgrove (2008), a geografia cultural pensa a paisagem como um texto cultural com possibilidade de múltiplas leituras, diferentes, simultâneas e igualmente válidas. E trata a paisagem como uma expressão humana tecida por camadas de significados. O autor aponta que há outras motivações humanas (no estudo da geografia) além das estritamente práticas e utilitárias, e cita as paixões – poderosa motivadora das ações humanas. Defende que investigar as formas como as paixões encontram expressões nos mundos que criamos e transformamos, seria um caminho a ser percorrido e pesquisado. “[...] A geografia está em toda parte, reproduzida diariamente por cada um de nós. A recuperação do significado em nossas paisagens comuns nos diz muito sobre nós mesmos” (COSGROVE, 1998, p. 121). O que as paisagens da prática da agricultura urbana nos revelam? Um desejo de pertencer a um todo com significados? Um desejo de cuidar de coisas concretas, como da terra, das plantas, das sementes? Tendo em vista a importância de se investigar as novas paisagens culturais presentes nos cotidianos urbanos, estudos como este ganham relevância e não pretendem esgotar o tema, e sim descortinar um sem número de possibilidades.

4. Considerações Finais

O estudo buscou explorar os espaços e paisagens das práticas coletivas da agricultura urbana através de uma abordagem exploratória, realizando análises de experiências divulgadas através da mídia digital, entre outras. Utilizamos os conceitos de “representação do espaço” e de “espaço de representação” da teoria da produção do espaço de Lefebvre nas leituras das práticas. Serpa (2014) esclarece que a teoria e conceito de representação de Lefebvre visam “explicitar os conflitos e contradições em jogo na produção do espaço na contemporaneidade, inclusive articulando análises de cunho fenomenológico e dialético” (Serpa, 2014, p.488). A relação ressaltada pelo autor insere-se em um contexto de práticas que explicitam as lutas pela apropriação da cidade, reafirmando a importância da dimensão política nas experiências do vivido.

A compreensão da visão multidimensional, presente nas práticas de agricultura urbana, aqui apresentadas, corporificada por uma abordagem cultural ampara-se no conceito de representação retomado pela teoria Lefebvrina, culminando assim na ideia da impossibilidade da vida sem representação (LEFEBVRE, 2006), o que ilumina a experiência do vivido. O caráter investigativo que orienta o artigo, de certo modo, procura valorizar os processos de produção do espaço e suas contradições, ao abordar as práticas sócio-espaciais contemporâneas, apoiadas na temática da agricultura urbana. Por um lado, nos deparamos com representações que se diferem pelo modo como são elaboradas, por outro, verificam-se representações com sentidos diversos, que estimulam produção de saberes práticas colaborativas.

A análise aqui apresentada, orientada pelo viés da “representação do espaço” e do “espaço de representação” (LEFEBVRE, 1991) foi alicerçada nas práticas sócio-espaciais. De modo que as reflexões descritas no artigo, inseridas nos campos de pesquisa de movimentos coletivos; ativismos e práticas propositivas; e/ou ocupações urbanas, possibilitassem transitar por contribuições teóricas complementares. As experiências e práticas sociais apresentadas conformam paisagens que se tornam cada vez mais presentes nas cidades contemporâneas, evidenciando um cotidiano urbano diverso, repleto de vivências, afetividades e significados. Para além da abordagem aqui apresentada, o tema da agricultura

²⁰ Questão abordada no Seminário Internacional - Agricultura Urbana: Paisagens de inclusão, PROURB, MPAP, 17/10/2017.



urbana, nos possibilita refletir, a partir da perspectiva dos espaços produtivos na cidade contemporânea, a capacidade de conexão dos mesmos com as pessoas e com a natureza.

Referências

- ABREU, Maurício. "Sobre a memória das cidades". **Revista da Faculdade de Letras**. Porto: Geografia I série, 1998, Vol. XIV, pp. 77-97.
- ACSERLRAD, Henri. "Cidade – espaço público? "A economia política do consumismo nas e das cidades". **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2013, Vol. 20, N. 1, pp. 234-247.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2007.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes – o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili., 2013.
- CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1993.
- COSGROVE, Denis. *Geography is everywhere: Culture and symbolism in human landscapes*. In: OAKES, Timothy; PRICE, Patricia (org.) **The Cultural Geography Reader**. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2008, pp. 176-185.
- COSGROVE, Denis. *A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeni. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- FABIANO JUNIOR, Antonio. "Museu: um olhar sobre o espaço público, o espaço arte, o espaço arquitetura". **Revista CPC**. São Paulo: USP, 2007, N.4, pp.7-22.
- GROENING, Gert. "Garden Culture e Desenvolvimento de *Open Spaces* como parte de uma sociedade democraticamente constituída." In: MENDONÇA, Francisco (org.) **Impactos Socioambientais Urbanos**. Curitiba: Editora UFPR, 2004.
- HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de lãs representaciones**. México: Fondo de Cultura Econômica, 2006.
- MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Architecture: Meaning and Place**. New York: Rizzoli, 1988.
- SCHMID, Christian. **Teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional**. Revista GEOUSP - Espaço e tempo. São Paulo: USP, 2012, N°32, pp. 89- 109.
- SCHUMACHER, E.F. **Small is beautiful: Economics as if People Mattered**. London: Blond & Briggs, 1973.
- SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2017.
- SERPA, Ângelo. **Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia**. Revista GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo: USP, 2014, N°3, pp. 487-495.